





VINDE...

AJUDAI-NOS...



■ Estas crianças coreanas simbolizam bem a condição de tantas outras, de todos os continentes, desprovidas de pão material e espiritual.

■ As Missões cristãs têm sido o meio de elevação espiritual e material de quantos por elas têm sido beneficiados.

«Ide por todo

ESTAS palavras de Jesus, pronunciadas pouco tempo antes da Sua subida ao Céu, constituem uma ordem terminante para cada um dos Seus discípulos em todo o lugar e em todo o tempo.

Assim as compreenderam os primeiros discípulos que se lançaram imediatamente na conquista do mundo conhecido para o Evangelho. Nada podia detê-los; a ordem estava dada. O Evangelho devia ser levado a toda a nação, povo, tribo e língua, até aos confins da terra.

Quantas lutas, quantos sofrimentos, quantos perigos e trabalhos para realizar um tal objectivo!

As perseguições e mesmo a morte não puderam deter, através dos tempos, aqueles que, para cumprir a ordem divina, se lançaram aos quatro cantos da terra, levando a Palavra de Deus aos homens e fazendo discípulos de Cristo entre todas as nações da terra.

Quantos serviços prestados à causa da humanidade por não pequeno número de missionários que trouxeram a sua apreciável contribuição no estudo das ciências, no das lín-

o Mundo...»

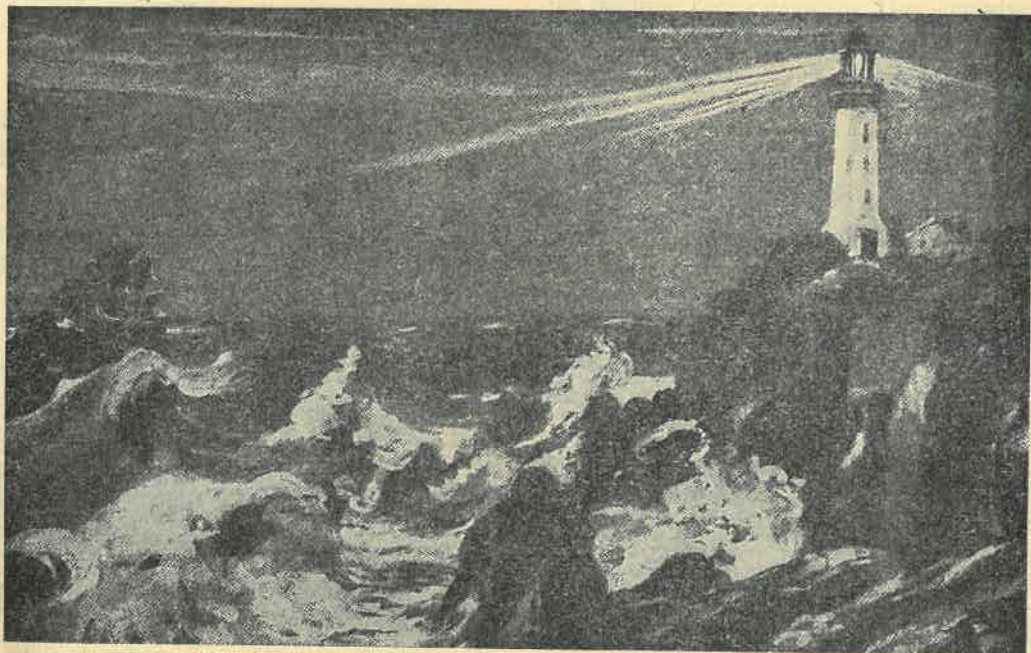
guas, usos e costumes de muitas tribos e povos, e que, por cima de tudo isso, contribuíram para a elevação social, moral e espiritual de milhões de homens condenados a viver na maior degradação e miséria.

Ninguém ignora, nos nossos dias, o incomensurável benefício prestado pelas Missões nas nossas Províncias Ultramarinas. Aqui, em Angola, o missionário vai à frente na obra de colonização e cristianização das muitas tribos que ocupam o território.

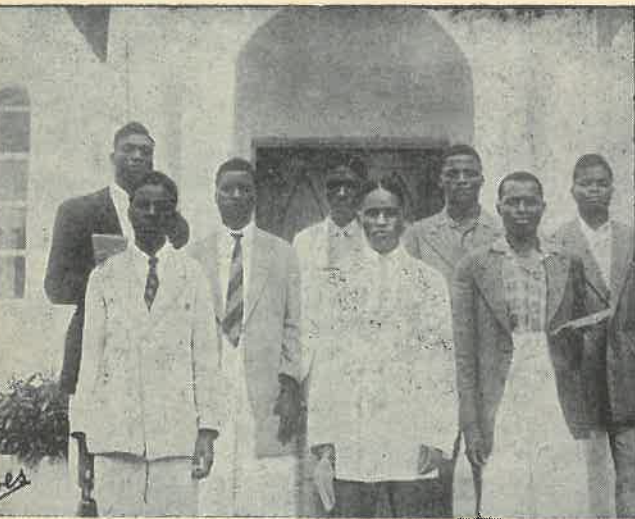
Abrem-se escolas, dispensários, leprosas, fundam-se igrejas e trabalha-se por todos os meios, para melhorar as condições de vida desta infeliz gente.

O Governo da Nação não se poupa a esforços e é já notável a obra empreendida em todas as diferentes actividades dependentes do Estado.

Mas não basta a acção do Estado. É necessário que a iniciativa particular venha jun-



O Evangelho, qual farol na escuridão da noite, ilumina o mundo em trevas



Quase prontos a levar a luz para os gentios que habitam nas trevas

tar-se-lhe, secundando, assim, a sua importante obra.

As Missões Adventistas têm desenvolvido, nesse particular, um trabalho deveras apreciável. Elas mantêm dezenas de escolas com milhares de alunos; alimentam e vestem a maior parte deles; ensinam-lhes as variadas maneiras de trabalhar; incutem-lhes o amor pela Pátria e pelo seu semelhante; e, o que é mais que tudo, cuidam-nos nas doenças, ensinam-nos a adorar o verdadeiro Deus e a obedecer à Sua Palavra, contribuindo, desta maneira, para a salvação das suas almas.



Estas meninas um dia também terão um lar cristão por elas fundado

Todo este importante trabalho carece de somas apreciáveis para ser levado a efeito. Cada adventista encara, como uma obrigação, ajudar este trabalho e a sua generosidade vai até ao sacrifício.

Dirigimos mais um apelo aos nossos prezados benfeitores, para que continuem a ajudar-nos na certeza de que o Grande Benfeitor da Humanidade — Jesus, os recompensará largamente.

M. LOURINHO

Director-geral das Missões de Angola
da União Portuguesa dos Adventistas
do Sétimo Dia

CURSO BÍBLICO POR CORRESPONDÊNCIA

*Absolutamente gratuito, em 30 lições.
Seguido, em Portugal e Províncias Ultramarinas, por milhares de pessoas.
Basta um postal com o nome e morada à*

ESCOLA RÁDIO-POSTAL

Praça da Ilha do Faial, 1-B

L I S B O A - N



O pastor Mário Abel, que recentemente visitou a Europa, saúda os seus irmãos na fé, de Portugal

PARA QUE SERVEM

A utilidade das nossas missões cristãs está de tal maneira comprovada que quase se torna ocioso dizer para que servem.

As nossas missões ensinam a obter a salvação

A finalidade primária das missões é levar o pecador a alcançar a paz — ensinando-o, à luz do Evangelho, a obter o perdão do passado, a vitória sobre o pecado e a esperança de uma vida eterna. O rosto sorridente e calmo de tantos milhares que alcançaram essa paz através das missões constitui um argumento insofismável da utilidade das mesmas.

As nossas missões ajudam a transformar a vida de família

Surge à minha lembrança, neste momento, um cabo-verdiano — o meu amigo Joca. Estou em sua casa, humilde mas asseada. Não se cansa de testemunhar quanto deve ao conhecimento da mensagem adventista. «Dantes — confessa ele — o dinheiro nunca chegava. Gastava-o mal e nunca o entregava à família. Não vivíamos felizes. Desde que aceitei o Evangelho, tudo mudou. O dinheiro já chega para vestir a mulher e os filhos, já dá para a comida, e todos em casa vivemos felizes.» E o Joca, exemplar chefe de família, não cessa de dizer aos outros que aceitem, como ele, o Evangelho, pois Cristo transformou o seu lar.

As nossas missões mantêm escolas primárias

As escolas primárias constituem um dos maiores títulos de glória das nossas missões, e têm servido de meio para que milhares e milhares tenham subido da selvageria a uma vida decente. Para que servem as nossas missões? Se nada mais houvesse para atestar o seu valor, bastariam as escolas primárias que mantêm.

As nossas missões tratam dos doentes

Nos nossos hospitais e dispensários recebem curativos, todos os dias, milhares de doentes, que de outra sorte ficariam sujeitos à acção maléfica do feiticeiro ou a sofrimentos e à morte.

As nossas missões ajudam a transformar a vida social

Se visitarmos uma aldeia indígena onde ainda não penetrou o Evangelho, encontrare-

AS NOSSAS MISSÕES?

mos as condições mais primitivas — falta de asseio nas pessoas e nas coisas, vida de promiscuidade, palhotas e ruas imundas, práticas supersticiosas e degradantes... Mas voltemos lá depois do missionário cristão. Essa mesma aldeia tornar-se-á quase irreconhecível, tal a transformação que se operou.

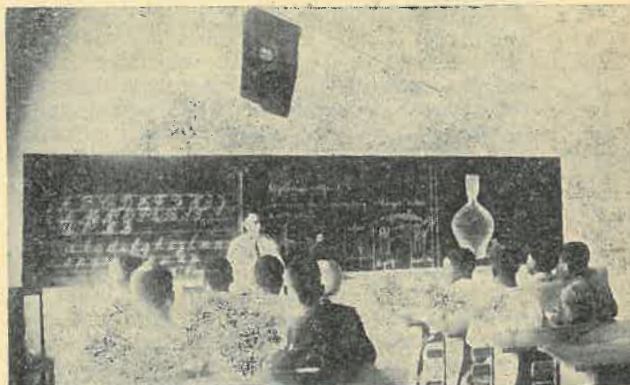
As nossas missões fazem dos indígenas bons cidadãos

Segundo a norma das Escrituras Sagradas, os missionários ensinam os indígenas a obedecer às autoridades e a ser cidadãos honestos e leais. Ao ouvi-los cantar o hino nacional ou ao vê-los saudar a bandeira pátria não nos resta a menor dúvida de que as nossas missões constituem um elemento construtivo de valia incalculável.

E, apesar de todos os benefícios que presta, as nossas missões, as missões adventistas, não recebem qualquer auxílio oficial. São fruto espontâneo do idealismo de milhares de crentes que, desfrutando as bênçãos do Evangelho, desejam partilhá-las com os que jazem nas trevas.

As missões adventistas são, pois, credoras do nosso mais caloroso apoio e simpatia.

ERNESTO FERREIRA



Professores de longa experiência ensinam nas nossas escolas



ANGOLA — Uma Professora nativa ensina o ABC

ESTIMADOS leitores e amigos: Daqui, do coração de Angola, vos venho apresentar as minhas cordiais saudações cristãs e, desde já, desejar-vos as melhores venturas e bênçãos do Céu.

Pretendo falar-vos de um dos tesouros da nossa província ultramarina de Angola: — os diamantes negros: Nunca ouvistes falar em tal? Então, escutai:

Estas gemas abundam tanto no litoral como no interior; e o seu valor é inestimável. Apesar da grande quantidade em que aparecem, o seu valor não diminui e tão elevado ele é, que o próprio DEUS do Céu é que cuida delas. É verdade, meus amigos, esta espécie de diamantes é de tal valia que o FILHO do DEUS do Céu e da Terra, deixou o Seu lugar de Glória para vir a este mundo salvar de uma perdição certa, entre outras jóias, estas também mui preciosas a Seus olhos. Os povos de raça negra, embora de condição inferior perante outras raças, à vista do ALTÍSSIMO são de valor tal que, com propriedade, lhes podemos chamar diamantes negros.

Os antigos pioneiros da África percorreram o sertão em todas as direcções; e muitos deles escavaram a terra em pesquisa dos sedutores diamantes raros de pedra bruta. Para os encontrar, quantos não sofreram existências de trabalhos e de sacrifícios! Do mesmo modo, ainda hoje com muitos sacrifícios e privações, por vezes, outros pioneiros percorreram os sertões desta rica Angola, não em pesquisa de diamantes brancos e de pedra bruta, mas sim em busca de outros de cor negra, de carne e osso com um coração dócil que pulsa e com uma alma para salvar.

O misisonário cristão procura atrair para o seio de CRISTO e para uma vida melhor e útil, aquelas almas preciosíssimas e de mais alto valor do que todos os diamantes de pedra que aos montões pudessem existir na Terra.

Os Adventistas do Sétimo Dia, mantendo a

DIAMANTES NE

tradição dos valorosos missionários portugueses de outrora, que por estas paragens levantaram o facho do Evangelho, têm aqui desde há dezenas de anos uma obra verdadeiramente notável sob todos os seus aspectos. As Missões Adventistas Portuguesas estão recolhendo uma abundante messe de almas para o Reino de DEUS, ou seja, para o Reino Vindeiro de Cristo, que será eterno.

Angola, esta querida terra por todos os títulos portuguesa, assiste presentemente a um despertar moral e religioso que faz sair os seus naturais de umas densas trevas de superstição e paganismo. Graças às facilidades prestadas pelas dignas autoridades locais e à boa vontade de todos, em geral, a acção mis-



ANGOLA — O Dr. Roy Parsons com sua Esposa
e... o seu sorriso

ROS DE ANGOLA



Jóias angolanas

sionária avança em amplo regímen de progresso.

A elevação moral do nativo é, a par da obra que se faz entre os europeus, a primordial preocupação dos nossos missionários. E, nesta conformidade, a acção do obreiro evangélico estende-se até ao âmago das tribos mais afastadas dos centros populacionais europeus. Em pleno sertão enfeitado de terríveis animais ferozes, longe, muito longe de todo o convívio com outros europeus, e sofrendo falta do indispensável à vida, devido ao seu isolamento, o missionário juntamente com sua esposa e filhos pequenos, com os olhos fitos no ALVO SUPREMO de ganhar almas, emprega o seu vigor, a energia, o entusiasmo e

a vida toda em prol de uma raça que necessita de ser instruída, de ser trazida para a luz da civilização e de ser levada aos pés de CRISTO.

A Igreja dos Adventistas do Sétimo Dia mantém nestas terras angolanas diversas missões e um Instituto de preparação de evangelistas nativos, em local central e próximo da linha do Caminho de Ferro de Benguela. De acordo com os princípios fundamentais das nossas instituições, nas nossas missões ministra-se o ensino conforme os programas oficiais em matéria escolar, dando-se particular atenção ao ensino do Português. A aprendizagem por parte dos indígenas é demorada, em virtude do meio ambiente em que são criados e da sua manifesta inferioridade intelectual. O professor tem de recorrer a todos os processos aconselhados pela pedagogia e, muito principalmente, à verdadeira paciência evangélica, grande recurso para conseguir os seus dois objectivos: instrução do indivíduo e a conversão da alma. As missões contam actualmente um bom número de anos de existência; por isso possuem experiência que muito contribui para a satisfatória elaboração de programas e de métodos de ensino.

A preparação do evangelista nativo tem, praticamente, o seu início na própria aldeia, regra geral a algumas centenas de quilómetros das missões. Na aldeia um mestre-catequista indígena, devidamente autorizado por documento legal, ministra o ensino dos rudimentos do Português aos povos gentios boçais, ao mesmo tempo que de forma gradual e lenta lhes desperta o coração para as verdades eternas. Os estudantes que assim começam, são em geral de idade já além de escolar; e grande número deles adultos. Só depois de ultrapassarem os quinze anos de idade é que os nativos se entusiasмам com a ideia de frequentarem uma escola onde se aprende a falar a língua dos brancos, a ler



ANGOLA — Indígenas de Vila Arraiaga



ANGOLA — Dispensário do Cuale

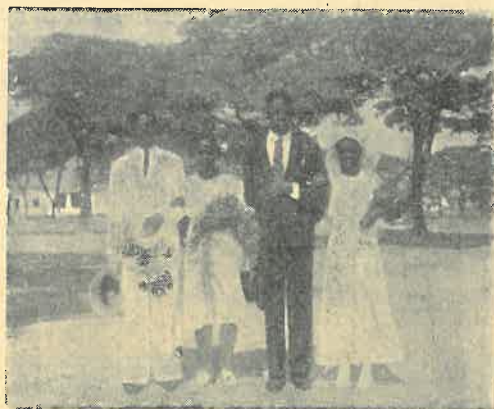
e a escrever. Até aí, enquanto pequenos, a floresta os atrai com os cortiços de abelhas, com os ninhos dos passarinhos, com as caçadas; na pesca também encontram grande atractivo e perda de tempo. Isto, quando se não deixam ficar na aldeia numa ociosidade prejudicial ou deitados de papo para o ar, ao sol, a ouvir o melodioso cantar das avezinhas ou a seguir com a vista o voar e evoluções de alguma ave de rapina que paire a grande altura nos ares. Por estas e outras razões, o nativo não encontra motivo de interesse numa escola que exige a sua atenção e o obriga a estar numa quietude de músculos e actividade de espírito que são contrárias à sua natureza de filho da selva. Em conclusão, quando



ANGOLA — Um soba da área do Cuale

depois de crescido desperta e se convence das vantagens do saber, ganha um entusiasmo tal, que unicamente desiste de estudar quando a isso é obrigado por qualquer motivo de força maior. E porquê? Porque o conhecimento da língua portuguesa o enaltecerá perante os seus semelhantes e irmãos de raça.

Por meio da escola do sertão, as almas duras e agrestes se domam e moldam ao ponto de se converterem a uma nova doutrina, não por medo ou superstição mas sim por convicção. Uma vez convertidos, homens ou mulheres, trazem à sua nova fé os parentes, os amigos e os vizinhos, por influência das suas boas obras e actos de piedade. Uma grande percentagem dos que aprendem na escola da aldeia decide-se a entrar na obra disseminadora das Boas Novas da Salvação. Os tais sentem-se impelidos a fazer brilhar a luz que pela vez primeira neles cresceu. Para tanto frequentam durante mais seis anos um curso de treino e preparação no nosso Instituto do Bongo.



ANGOLA — Recém-casados

A nossa acção educativa não está circumscrita apenas à preparação de obreiros do sexo masculino. Abrange também a formação e preparação da mulher africana para o seu lugar importantíssimo de esposa, mãe e dona de um lar cristão. Cada missão tem uma secção feminina, com amplos dormitórios higiénicos e atraentes, a exemplo da secção masculina. Missionárias dedicadas e mui competentes ensinam noções de higiene, ciência e economia doméstica, costura, labores, etc., além dos conhecimentos gerais de Instrução Primária.

É com as suas companheiras de estudo que os novos diplomados contraem matrimónio; e, ao serem colocados na Obra missionária, vão trabalhar lá muito longe entre os gentios, onde o exemplo do seu lar cristão e feliz será um poderoso estímulo para muitos outros que

ainda vivem nas trevas. Graças à acção do mestre-catequista, os nativos adquirem amor ao trabalho, aprendem a respeitar as leis, e ganham modos e hábitos de vida que em nada se parecem com os velhos costumes de seus antepassados. Numa palavra: por influência das escolas das aldeias, os povos do interior transformam-se em bons e úteis indivíduos, em elementos de progresso e de bem-estar dos habitantes desta pequena parcela do torrão africano, que se chama Angola e onde tremula a gloriosa bandeira de Portugal.

Se não existissem missões, os nativos angolanos permaneceriam por longos anos no seu estado primitivo, cercados de ignorância e sem amor a DEUS, ao próximo e ao trabalho fecundo. Quanto maior for a extensão da obra missionária, maior será o número daqueles que beneficiarão da civilização e costumes portugueses. As Missões Adventistas do Sétimo Dia estão no número das que ocupam lugar na vanguarda de tão grandiosa tarefa. No Instituto dos Adventistas do Sétimo Dia,



ANGOLA — Missão de Quilengues — O missionário José de Sá



ANGOLA — Alunos da Escola do Cuale

do Bongo, encontram-se representantes das diversas tribos angolanas irmanadas nos estudos e ligados pelos laços do mesmo ideal cristão de servir os seus irmãos de cor, língua e tribo. Gingas, Kimbundos, Quiocos, Luenas, Ganguelas, Umbundos, Luimbos, Seles, Quilengues, etc., estudam as mesmas lições e vivem em óptima camaradagem, tendo por linguagem comum o idioma falado por Paiva Couceiro, Silva Porto e outros portugueses ilustres, que bom nome deixaram na História de Angola.

O Movimento Adventista de Angola conta nas suas fileiras elementos valiosos. Chefes espirituais nativos que foram consagrados de um modo muito especial, por meio da Ordenação, tornaram-se Pastores de numerosos e animados rebanhos de crentes pertencentes a Igrejas Nativas espalhadas por toda esta vasta

provincia. Pastores angolanos tiveram o seu lugar como delegados das suas Igrejas em congressos realizados em colónias vizinhas e ultimamente, em Paris, num grande congresso mundial da Juventude Adventista, que reuniu cerca de sete mil pessoas naquela capital francesa.

Os diamantes negros, verdadeiro tesouro que Angola encerra, pela mercê da orientação do Governo Português e pela acção das missões, contando-se entre estas também as dos Adventistas do Sétimo Dia, estão atravessando uma época verdadeiramente histórica. Aos naturais de Angola as páginas dos Evangelhos são amplamente pregadas como nunca, e as suas condições de vida melhoradas por uma obra de atracção à civilização. A cooperação do indígena com o europeu é mais e mais eficaz, um e outro labutam lado a lado para o progresso desta boa terra onde tantos milhares de portugueses, tanto brancos como negros, trabalham por um «Portugal Maior».

Por uma actividade missionária bem inspirada e orientada, o nativo é, desde há longos anos, o educador do próprio nativo. Angola, no sentido espiritual e religioso, está sendo salva para CRISTO pelo esforço dos seus próprios filhos. Almas estão deixando as suas vidas de pecado e se estão rendendo ao seu ÚNICO SENHOR E PASTOR.

Graças a DEUS que, quando para juntar os Seus cordeirinhos, JESUS voltar a este mundo de tristezas e dor, estas jóias preciosas, estes diamantes negros também adornarão a Sua Coroa de Glória!...

VITORINO CHAVES



A agonia do Getsemane é compensada por almas que aceitam o Evangelho

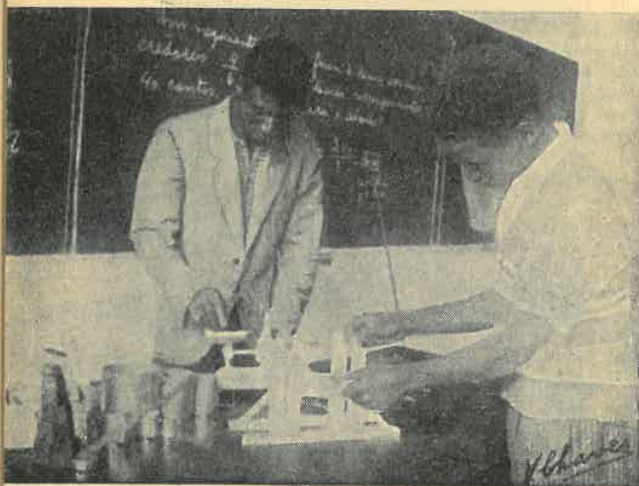
«... **V**ENHA o teu reino, seja feita a tua vontade na Terra como no Céu...». Isto recomendou Jesus que seus discípulos pedissem a Deus em oração. Muitas vezes, durante o tempo do Seu ministério terrestre, Jesus falou aos Seus seguidores acerca do Reino que lhes destinava. Era mesmo a esperança máxima dada à sua Igreja. No último serão que passou com os Seus apóstolos, antes de ser preso, condenado e crucificado, notando a tristeza que os invadia ao revelar-lhes que voltava para junto do Pai, anima-os, dizendo-lhes: «Não se turbe o vosso coração... vou preparar-vos lugar. E se Eu for e vos preparar lugar, virei outra vez, e vos levarei para Mim mesmo para que onde Eu estiver estejais vós também.» (João 14:1-3). Horas depois desta reunião, num momento e circunstâncias bem solenes, no tribunal judaico, a uma solene pergunta do Sumo Sacerdote respondia: «...digo-vos, porém, que vereis o Filho do homem assentado à direita do Poder e

vindo sobre as nuvens do Céu.» (Mat. 26:64). Aquando do Seu último encontro com os discípulos, ao ascender para junto do Pai, «estando com os olhos fitos no Céu, enquanto Ele subia, eis que junto deles se puseram dois varões vestidos de branco os quais lhes disseram: Varões galileus, porque estais olhando para o Céu? Esse Jesus, que dentre vós foi recebido em cima no Céu há-de vir assim como para o Céu O vistes ir.» (Actos 1:9-10).

Esta esperança já existia antes da primeira Vinda de Cristo

Desde os mais remotos tempos, o estabelecimento do Reino de Deus na Terra constituiu a máxima esperança do povo de Deus. Enoque, que as Sagradas Escrituras dizem ter sido «o sétimo depois de Adão», falando aos seus contemporâneos por divina revelação, profetizava-lhes: «Eis que é vindo o Senhor com milhares dos Seus santos (anjos) para fazer juízo contra todos e condenar dentre eles todos os ímpios...» (Judas 14-15). Um outro profeta de Deus que viveu quase dois mil anos antes de Cristo, em circunstâncias bem adversas na sua vida, em que os membros de sua família

A VOLTA *Esperança máx*



Estudo prático

o abandonam; em que se encontra na miséria e doente; em que a própria mulher lhe diz: «Ainda reténs a tua sinceridade? Amaldiçoa a Deus e morre,» em tal situação guiado pelo espírito de Deus dizia qual era a sua esperança. Ei-la: «Porque eu sei que o meu Redentor vive, e que por fim se levantará sobre a Terra. E, depois de consumida a minha pele, ainda em minha carne verei a Deus. Vê-lo-ei por mim mesmo, e os meus olhos e não outros o verão.» (Job 19:25-27). Lá pelo sétimo século antes de Cristo, um outro grande profeta recebeu de Deus uma tão nítida visão do dia em que esta gloriosa esperança se há-de realizar que exclamava: «E naquele dia se dirá: Eis que este é o nosso Deus a quem aguardávamos; na Sua salvação gozaremos e nos alegraremos.» (Isaías 25:9).

Nos dias dos apóstolos

Não nos devemos pois admirar que o estabelecimento do Reino de Deus com a Volta de Jesus tenha sido a esperança máxima nos

dias da Igreja Apostólica e nos tempos que imediatamente se seguiram. Como prova, bas-
tará relembrar duas dentre tantas afirmações
apostólicas. S. Paulo ensinava: «Mas a nossa
cidade está no Céu, donde também espera-
mos o Salvador, o Senhor Jesus Cristo, que
transformará o nosso corpo abatido, para ser
conforme o Seu corpo glorioso.» (Filip.
3:20-21). O mesmo apóstolo, nos seus últimos
dias de vida, escrevendo de Roma a um dos
muitos arautos desta Esperança dizia: «Com-
bati o bom combate, acabei a carreira, guar-
dei a fé. Desde agora, a coroa da justiça me
está guardada, a qual o Senhor, justo juiz,
me dará naquele dia; e não somente a mim,
mas também a todos os que amarem a sua
vinda.» (2.ª a Tim. 4:7-8).

Esta é, pois, a Esperança dada pelo Céu.
Esta foi a esperança que nas horas amargas
de maldade humana, animou profetas, reis e
apóstolos. Esta foi a esperança que o nosso
Bendito Salvador nos deixou. Será esta, tam-
bém, a Esperança que ampara, nos dias maus
que vão correndo, o prezado leitor? Ou a sua
esperança alicerça-se nos bens e honras ter-
renas? Se assim é, queira lembrar-se de que



O missionário semeia a Palavra de Deus em todos os terrenos...

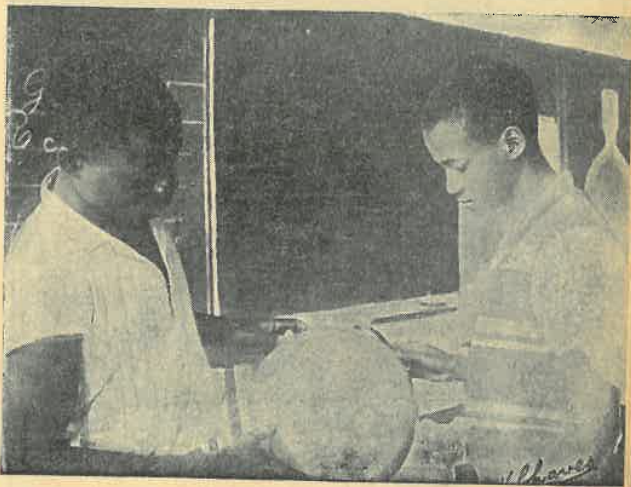
DE JESUS:

ima do cristão

mar «uma multidão que ninguém poderá con-
tar, vinda de todas as nações, tribos, povos
e línguas»: «Eis que este é o nosso Deus a
quem aguardávamos»? (Isaías 25:8), ou terá
de clamar, como o farão todos os outros que
depositaram a sua esperança em ideais hu-
manos e ternos: «E diziam aos montes e
aos rochedos: Caí sobre nós e escondi-nos
do rosto daquele que está assentado sobre o
trono, e da ira do Cordeiro. Porque é vindo
o dia da sua ira e quem poderá subsistir?»
(Apoc. 6:16-17).

M. LEAL

outros antes de si tiveram ainda maiores ri-
quezas e honras e na hora do ajuste de contas
no Tribunal Divino, para nada isso lhes po-
derá ser útil! Confia, porventura, nalgum
grande ideal trazido à luz por algum grande
homem (embora ainda os haja e bons)? Mas
antes de tais ideias e de tais homens, outros,
talvez melhores e maiores existiram e... de-
sapareceram, sem terem preparado o homem
para o próximo Reino de Deus! Nestes tre-
mendos dias em que aos nossos olhos se está
cumprindo a profecia de Jesus: «E haverá...
homens desmaiando de terror, na expectação
das coisas que sobrevirão ao mundo... E então
verão vir o Filho do homem numa nuvem, com
poder e grande glória» (Lucas 21:25-27), em
que depositamos nós a nossa esperança? «Ve-
nha o Teu reino, seja feita a Tua vontade
na Terra como no Céu», ensinou Jesus. Po-
derá o prezado leitor exclamar, unindo a sua
voz à de tantos milhares em todos os conti-
nentes e ilhas: «Ora vem, Senhor Jesus»
(Apoc. 22:20); ou ainda, como há-de excla-



«O Senhor Professor diz que a terra é redonda. Que te parece?»

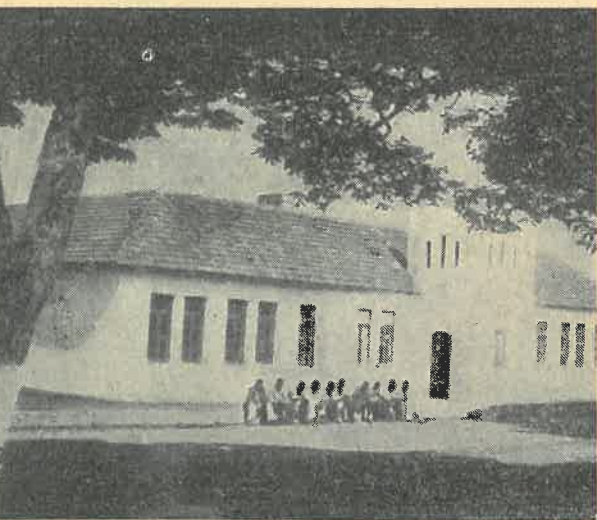
SÃO do Bongo? Somos, sim senhor, respondemos. A minha filha foi lá operada o ano passado e a minha mulher também! diz outro. Continuamos esta viagem e a cada passo se ouve falar na obra médica e no serviço de assistência bem conhecido de todos. Caros leitores: não é meu propósito falar-vos aqui sobre a obra de assistência e educativa que já conheceis através das nossas Revistas Pró-Missões dos anos anteriores. Porém, o meu primordial objectivo é falar-vos do Evangelho. É evidente que Cristo ao andar na Terra se ocupou da cura de doenças, manifestando sempre terna simpatia pelos sofredores e procurou sempre minorar os seus sofrimentos. Ele efectuou diversas curas: da mulher que tinha um fluxo de sangue, da sogra de Pedro, dos leprosos, do homem da mão mirrada, dos paralíticos, etc., etc. Mas a par disto Jesus proferia palavras de animação e conforto aos que sofriam e observava-lhes que tinha vindo ao mundo para dar cumprimento a tudo que a Seu respeito estava escrito nos Salmos de David e nos Profetas. A História Sagrada está repleta de profecias que falavam do Messias que havia de vir ao mundo e veio para salvar aquilo que se havia perdido. Que se perdeu, afinal?

Ao lermos o relato bíblico verificamos que o homem perdeu pela desobediência aos mandos divinos o lar edénico, o Paraíso, onde poderia ter vivido para toda a eternidade longe de sofrimentos, dificuldades e morte, mas tal não aconteceu. O homem alienou-se de Deus, negando a Sua existência, zombando dos Seus apelos, confiando na matéria, naquilo que vê e possui e consequentemente encontra-se hoje num estado miserável do ponto de

SÃO



Instituto do Bongo (Angola) — Enquanto a sineta não toca para as aulas



Instituto Adventista do Bongo, uma das grandes instituições para a educação dos nativos de Angola

vista físico, moral e espiritual. Que Cristo veio ao mundo para salvar os pecadores é uma verdade irrefutável. Ela é admitida por todas as corporações religiosas da Cristianidade. Mas não basta. É necessário crer e aceitar pela fé aquilo que Jesus nos oferece. Que nos oferece Ele? Oucamos o que nos diz o apóstolo S. Paulo, na Epístola aos Romanos, capítulo 10:9-12. «A saber: Se com a tua boca confessares ao Senhor Jesus, e em teu coração creres que Deus o ressuscitou dos mortos, serás salvo. Visto que com o coração se crê para a justiça, e com a boca se faz confissão para a salvação. Porque a Escritura diz: Todo aquele que nele crer não será confundido. Porquanto não há diferença entre judeu e grego; porque um mesmo é o Senhor de todos, rico para com todos os que O invocam.» E o nosso Senhor acrescenta: «Vinde a Mim todos os que estais cansados e oprimidos e Eu vos aliviarei. Tomai sobre vós o Meu jugo, e aprendei de Mim que sou manso e humilde de coração; e encontrareis descanso para as vossas almas. Porque o Meu jugo é suave e o Meu fardo é leve.» S. Mateus, 11:28-30.

DO BONGO?

É um apelo para ti, prezado leitor. A palavra «VINDE» vem dos lábios do terno Jesus, que misericordiosamente expressa o Seu desejo. Para onde nos chama Jesus? João Evangelista no seu livro Evangelho de S. João descreve o Bom Pastor que deu a Sua vida pelas ovelhas. Ele é o que nos chama agora para o Seu aprisco. Milhares e milhões de seres humanos vivem hoje sem Deus e sem



ANGOLA — Um grupo de finalistas no Instituto do Bongo

esperança no mundo, mas ainda há, prezado leitor, uma esperança para todos os que crêem e o reconhecem como S. Pedro o reconheceu. Foi nas partes de Cesareia de Filipo que Jesus interrogou os Seus discípulos. Quem dizem os homens que Eu sou? E eles disseram: Uns, João Baptista; outros, Elias; e outros, Jeremias ou um dos profetas. Disse-lhes Ele: E vós quem dizeis que Eu sou? E Simão Pedro, respondendo, disse: «TU ÉS O CRISTO, O FILHO DE DEUS VIVO.» E Jesus respondeu: «Bem-aventurado és tu, Simão» Linda confissão que S. Pedro fez e sobre esta confissão Cristo edificou a Sua Igreja e ela tem continuado através dos séculos no exercício da sua nobre missão como um instrumento de Cristo e por Ele continuamos a trabalhar para aliviar os de físico alquebrado pela doença, os debilitados de espírito e os privados da esperança gloriosa do Evangelho.

Empenhados nesta grande tarefa continuamos os nossos esforços na disseminação do Evangelho do Reino, e milhares espalhados pelo mundo inteiro respondem aos nossos apelos.

Não desejarás, prezado leitor, ouvir a chamada? A mensagem de Deus tem prosperado nestes últimos tempos e não só agora estamos trabalhando entre os de cor mas também entre os de raça branca, muitos dos quais reconhecendo a solenidade dos tempos decidem as suas vidas por Cristo e Seu Evangelho. A vossa simpatia no passado muito tem contribuído para tão importante trabalho e contamos com a vossa boa vontade e costumada generosidade para o presente e para o futuro. Todos podem reconhecer que se está apoderando do mundo uma intensidade qual nunca dantes se viu. Nos divertimentos, no ganhar dinheiro, nas lutas pelo poderio, na própria luta pela existência há uma força terrível que absorve o corpo, o espírito e a alma. Em meio desta corrida louca, Deus fala. Ele nos ordena que fiquemos à parte e tenhamos comunhão com Ele. «Aquietai-vos e sabeis que Eu sou Deus»

A. J. RODRIGUES

Pastor da Igreja Adventista de Benguela



Terminadas as aulas, algumas alunas internas do Instituto do Bongo preparam-se para voltar às suas aldeias

«A propagação do Cristianismo, em toda a sua pureza — livre de todos os abusos e erros, que o fanatismo, a relação dos costumes e o esquecimento dos seus princípios fundamentais lhe tem introduzido com o andar dos séculos, — seria um dos meios mais seguros de promover a civilização da África.»

ANDRADE CORVO

MARIAZITA

Pela Professora D. Emília Lopes Graça

MUNGULÚNI — MOÇAMBIQUE

MARIAZITA era uma pretinha, cujo pai trabalhava, em períodos de seis meses, numa companhia de chá. Ficara com sua mãe e um irmãozito, habitando a pobre palhota a uns seis quilómetros da Missão de Mungulúni.

Apesar da sua pouca idade, sua mãe não só lhe exigia que carregasse com seu irmão sobre as costas como também a mandava levar a enxada de cabo curto e trabalhar, a seu lado, na «machamba», cultivando mandioca, um pouco de arroz e alguns pés de milho.

Em casa, viam-na muitas vezes pegando no grosso pau do pilão — moinho dos negros — dando com ele constantes pancadas dentro de uma espécie de almofariz feito de tronco de árvore, a fim de tornar em farinha os grãos de milho ou pedaços secos de mandioca. É desta farinha que os pretos fazem uma papa grossa — base da sua alimentação.

Mariazita comia a papa dura, tirando-a, com seus dedos sujos, de dentro de uma tosca panela de barro preto e molhando-a no seu caril. Alegrava-se, sobretudo, quando caçava ratos ou gafanhotos, que saboreava depois de assar. Mas as grandes formigas de asas eram o seu melhor manjar. Na aldeia alguns comiam cobras, mas ela tinha-lhes ódio mesmo depois de mortas.

O seu vestuário consistia numa tanga de casca de árvore, que depois foi substituído por um paninho de riscado. E não era melhor a roupa da família e dos amigos! Assim vive, ainda hoje, a maior parte dos negros alheios à sua nudez e aos fortes raios solares, que penetram na sua pele quase insensível. Mas quando apertava o frio a pequena Maria imitava todos os outros deitados nas suas esteiras de bambu ao redor da pequena fogueira dentro da palhota.

«Este Evangelho do reino será pregado em todo o mundo, em testemunho a todas as gentes, e então virá o fim».

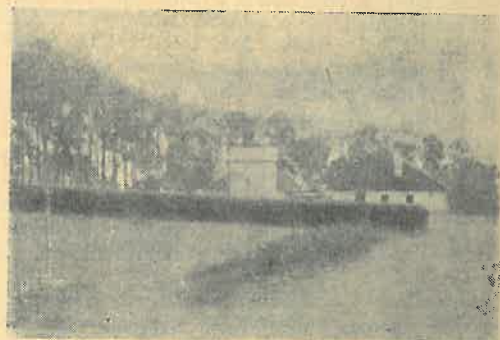
S. MATEUS 24:14

Um dia quando todos se aqueciam, o melhor que podiam, envoltos na espessa fumaçada, Maria ouviu chamar e saiu fora para saber do que se tratava, seguida por sua mãe. Disseram-lhe, então, que seu pai tinha morrido num desastre. Ela chorou e sua mãe também. E, como se a morte do pai não fosse já bastante desgraça, alguns dias depois a pobre pequena enfermou por ter saído bastante quente da palhota a fim de escutar a notícia da morte do pai.

Era pneumonia, pois tinha-o ouvido no dispensário, onde a mãe a levou depois de ter experimentado toda a espécie de feitiçarias. No dispensário não havia enfermeiro ou enfermeira e de remédios... só restava uma insignificante reserva! Mandaram-nas ir estrada fora, galgar quilómetros, em busca de auxílio nos hospitais das companhias. Mas como caminharía a pobre febricitante?

Finalmente ficaram. Algum remédio lhe foi ministrado por alguém que apenas tinha boa vontade de lhe aliviar as dores, e, como milagre, a pobreza salvou-se. O mesmo não sucede a tantos dos seus amigos, que morrem não só de pneumonia como de outras terríveis moléstias. Por isso, Maria não se esqueceria, jamais, do dispensário adventista. Oh! Como desejava saber cantar aqueles hinos que ouvira na Missão, ela que apenas sabia cantarolar feios estribilhos das danças de batuques!

Passados alguns anos, outro acontecimento veio transtornar a frágil criatura: seu irmão



MOÇAMBIQUE — Missão de Mungulúni — Casa do Professor missionário Samuel José Graça



MUNGULÚNI (Moçambique) — Depois de treinado nas nossas escolas, o africano torna-se um bom e obediente cidadão

fora despedaçado por uma fera, que, segundo acreditava, tinha sido enviada pelo espírito de seu pai, a fim de levar o filho para a sua companhia. Maria e sua mãe ficaram aterrorizadas, mas ao mesmo tempo conformadas, porque entendiam ser aquela a vontade do defunto. Agora, mais que nunca, adoravam todos os espíritos de demónios para que não morresse mais ninguém.

Maria tinha já dez anos. Para ter sorte, deveria casar-se à roda daquela idade. Antes, porém, era necessário alindar o seu corpo por meio de tatuagens.

Apareceu o noivo e iria casar no ano seguinte se a Providência não lhe tivesse reservado melhor destino.

Recordava-se do dispensário e dos cânticos que ouvira e, com essa ideia, encaminhou-se para a Missão. Entrou na igreja e escutou, avidamente, tudo o que ali foi dito. Em breve passou a frequentar a primeira classe rudimentar. Lenta, mas solidamente, foi aprendendo a abandonar todos os maus costumes, preferindo à sua vida de miserável imundície, uma existência verdadeiramente sadia e alegre. Foi assim que não teve mais feridas repugnantes.

Em vez de tanga usava, agora, vestido inteiro e um lenço do mesmo pano cobria-lhe, graciosamente, a cabeça. Os seus dedos grossos, mas limpos, aprenderam a pegar na agulha para costurar sua própria roupa. Também tinha uns sapatinhos de pano branco que calçava quando ia à igreja.

Mais tarde, casou, não com o primeiro homem que a procurou, mas sim com um cristão zeloso e trabalhador. O seu casamento foi um dos mais lindos que se realizaram na igreja da missão. Daquela união nasceram filhos obedientes. Também cuidou de sua mãe até que esta morreu convertida ao cristianismo.

Foi boa esposa e boa mãe, graças à grande obra filantrópica e civilizadora das missões, as quais todo o mundo deve ajudar!



S. TOMÉ — Sede da Missão Adventista



S. TOMÉ — Alunos da Escola Adventista com a bandeira nacional



S. TOMÉ — Noivos adventistas

CABO VERDE

NADA de novo diremos para quem já esteve algum tempo em Cabo Verde e conviveu de perto com a população nativa, mas quero dirigir-me àqueles para quem Cabo Verde não passa de uns simples pontos escuros no Atlântico e terra de degredo.

Cabo Verde não é uma terra maldita, mas sim terra de bons cristãos, bons artistas, povo humilde e paciente e bons cidadãos, precisando somente ser religiosamente guiados no temor de Deus e na moral cristã.

As ideias divergem quanto aos primitivos habitantes do Arquipélago, mas de concreto sabemos, pela História, que quando António de Nola e Diogo Afonso abordaram as praias de Cabo Verde, as ilhas eram desabitadas, não obstante haver, segundo os relatos, luxuriante vegetação a contrastar com a aridez actual, motivada sem dúvida pelas secas que temporariamente assolam o Arquipélago.

O povoamento fez-se com uma verdadeira miscelânea de povos oriundos das mais variadas raças, índoles e religiões, onde não faltaram classes depravadas a título de desterrados. Uma massa heterogénia de ideias e costumes povoou as ilhas, sendo que



CABO VERDE — Lava do vulcão do Fogo



CABO VERDE — FOGO — Grupo de crentes no Curral Grande

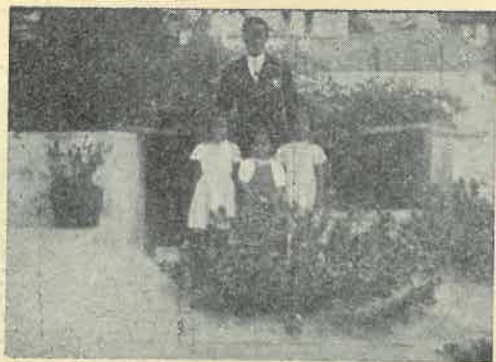
numas predominou mais uma raça ou costumes, daí a diferença de cores e costumes dos habitantes das mesmas.

Quero referir-se à população menos culta, porque quanto aos outros, embora necessitem do conhecimento do Evangelho, já se adaptaram perfeitamente à nova civilização dos povos.

O povo cabo-verdiano é de fácil assimilação, adaptando-se facilmente a um novo meio de



CABO VERDE — Mulher fumando pelo «cannoto»



CABO VERDE — O sr. Gregório Silva Rosa, obreiro do Fogo, com suas três filhinhas

vida e assim os encontramos pelas diversas partes do mundo e nos mais variados misteres, conforme as ilhas de origem, tendo, no entanto, verificada tendência marítima.

Pelas razões já apontadas, é de crer a necessidade do conhecimento do Evangelho, incutindo o respeito pela família e os bons costumes.

A cristianização cedo começou a tentar fazer-se, fazendo-se mesmo os colonizadores, especialmente metropolitanos, acompanhar de



CABO VERDE — FOGO — Família de crentes, no Curral Grande

Missionários, que apenas em parte responderam às crescentes necessidades, visto a fácil depravação a que se entregam os povos.

Pouco a pouco, os costumes e crenças se foram assemelhando aos da Metrópole, apenas revestindo as suas práticas feiticistas e culto dos espíritos, com a sua nova crença cristã.

Desta amálgama de crenças, muitas das



CABO VERDE — Pilando milho



CABO VERDE — FOGO — Uma crente sincera



CABO VERDE — S. TIAGO — Cidade Velha —
Traipiche triturando cana-de-açúcar para fazer melão



CABO VERDE — Fumo do Vulcão do Fogo, alguns dias depois da erupção



PRAIA (CABO VERDE) — Escola Sabatina Infantil

quais ainda em reminiscências, ressalta nos nossos dias a necessidade de que o Cristianismo, livre da terrível crença do medo dos espíritos, seja pregado. A Igreja Adventista, além de outras Missões religiosas que actualmente trabalham no Arquipélago, tem uma árdua tarefa em pregar a Palavra de Deus, incutir a pureza da Família, a instrução e preparar as almas para Deus.

É vasta a responsabilidade perante Deus, pela sua conversão.

Daqui vos agradecemos reconhecidos a vossa simpatia.

FRANCISCO CORDAS
Director da Missão de Cabo Verde

SEDES DO MOVIMENTO ADVENTISTA EM PORTUGAL E PROVÍNCIAS ULTRAMARINAS

PORTUGAL — Rua Joaquim Bonifácio, 17 — Lisboa.

MADEIRA — Rua João de Deus, 7 — Funchal.

AÇORES — Apartado 65 — Ponta Delgada.

CABO VERDE — Apartado 24 — S. Vicente.

S. TOMÉ — Caixa Postal 349 — São Tomé.

ANGOLA — Caixa Postal 3 — Nova Lisboa.

MOÇAMBIQUE — Mungulúni, Mocuba, Quelimane.

Suplemento Missionário da REVISTA ADVENTISTA

**ÓRGÃO EXCLUSIVAMENTE RELIGIOSO DAS
IGREJAS ADVENTISTAS DO SÉTIMO DIA,
DE PORTUGAL E COLÓNIAS**

**DIRECTOR: E. FERREIRA
ADMINISTRADOR: P. BRITO RIBEIRO**

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:

**RUA JOAQUIM BONIFÁCIO, 17
LISBOA**

PREÇO 5900

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO:

**TIP. GOMES & RODRIGUES, LDA.
32, RUA DAS FICOAS, 34 — LISBOA**



O trabalho missionário não é apenas um trabalho religioso, mas também moral e social. Com o Evangelho, leva o missionário o livro e os medicamentos, a instrução e a cura de tantas doenças que atormentam os indígenas. Ensina a cultivar a terra e educa a juventude para um melhor futuro da humanidade. Em suma, continua a obra de Cristo, levando-a até aos confins da terra.





«IDE POR TODO O MUNDO,
PRÊGAI O EVANGELHO
A TODA A CRIATURA».

MARC. 16:15